

Julio Groppa Aquino
Universidade de São Paulo – USP, Brasil

Resumo

Na companhia de alguns pressupostos teórico-metodológicos foucaultianos, o presente texto ambiciona problematizar os automatismos discursivos contemporâneos reservados à infância, os quais a adornam com a aura de bem-aventurança, consagrando-lhe o papel de sementeira de todas as coisas, e, ao mesmo tempo, perpetrando-lhe a pecha de incontinência, corrupção e subalternidade, atentando, assim, contra sua errância, seu ineditismo e, portanto, sua generatividade. O procedimento por nós adotado é o de um entrelaçamento improvável de múltiplas vocalizações sobre a infância. À moda barthesiana, elegemos um conjunto de fragmentos descontínuos de textos teóricos clássicos, de relatos jornalísticos e de obras literárias; todos eles entremeados ora por bordões afeitos àquilo que é comumente denominado indústria cultural, ora por passagens marcantes do cancionero popular. Juntos, tais fragmentos findam por compor um breve e insólito compêndio de coisas efetivamente ditas não apenas sobre a infância, mas também para ela, quando não em nome dela. A estratégia de composição textual levada a cabo é a da bricolagem de tais enunciados dispersos, com vistas a um embaralhamento das marcas autorais das fontes mobilizadas. Em outras palavras, interessa-nos uma espécie de repetição distorcida, hiperbólica, monstruosa até, de determinadas fulgurações discursivas sobre o mundo e a vida infantis, para além ou aquém das fronteiras de seu território enunciativo original. Outrossim, trata-se de atritar tais enunciados e, quiçá, fazê-los curtocircuitar e, no limite, delirar, a fim de que, desse modo, possamos fazer reverberar não apenas os movimentos de repetição aí presentes, mas também suas fissuras, seus possíveis pontos cegos, movediços; pontos de esgotamento; pontos de virada, talvez. Cabe-nos ainda esclarecer que não intencionamos nem descrever, tanto menos interpretar os conteúdos discursivos que pontilham o ramerrão da infância, mas tão somente trazer à tona, mais uma vez, a engenhosidade circular e reiterativa que os anima. Ao fazê-lo, cumpre-nos atizar suas nervuras operacionais, desalojando temporariamente os enunciados de sua pretensão de totalização. Submetidos a um deslocamento forçoso de sua jurisdição enunciativa, tais enunciados, quando flagrados em sua arbitrariedade, sua jactância e, no limite, sua vulnerabilidade, passam, porventura, a funcionar como espelhos de circo, os quais não refletem, não representam, não logram ser emissários da verdade, mas, ao contrário, caricaturizam a imagem daquele que ali se posta em busca de alguma revelação. Tal procedimento justifica-se não pelo usufruto de uma forma pretensamente heterodoxa, extravagante ou clandestina em relação aos protocolos dos "bons modos" expressivos, mas pela invocação de um modo intemperante e sequioso de endereçamento crítico à performatividade robusta e, ao mesmo tempo, quebradiça do tipo de vivência decretada à infância, esta tomada não apenas como efeito automático de um dispositivo implacável, mas precisamente como um "foco de experiência", na acepção de Foucault.

Palavras-chave: criança; discurso sobre a infância; Michel Foucault.

Fragments of a discourse on childhood

Abstract

Setting forth from some of Foucault's theoretical and methodological premises, this paper aims at problematizing the contemporary discursive automatisms imposed on childhood, which endow it with an aura of bliss and consecrate it with the role of sowing all things, while, at the same time, they apply to it the taint of incontinence, corruption and subservience, thus attempting against its errancy, originality and therefore its generativity. The procedure adopted is an unlikely interweaving of multiple vocalizations about childhood. In a Barthesian style, we chose an ensemble of discontinuous fragments of classical theoretical texts, journalistic accounts and literary works; all interspersed either by slogans fond to what is commonly called the industrial culture or by striking passages of popular songs. Together, such fragments finally compose a brief and unusual compendium of things actually said not only on childhood, but also for it, if not on its behalf. The strategy of textual composition carried out is that of the *bricolage* of such shared, ordinary childhood statements, aiming at shuffling the authorial sources. In other words, what interests us is a sort of distorted, hyperbolic, even monstrous repetition of certain discursive fulgurations about the world and the life of children, beyond or beneath the borders of their original enunciative territory. Moreover, it's about rubbing such statements and, perhaps, making them short-circuit and, ultimately, raving them, in order to reverberate not only the movement of repetition present in them, but also their fissures, their blind or shaky spots; exhaustion spots; turning points, perhaps. We should also clarify that we do not intend either to describe, or to interpret the discursive contents that mark the childhood drumbeat routine; we only intend to bring out, once again, the circular and reiterative ingenuity which animates them. In doing so, we shall stoke their operating nerves and ridges, temporarily displacing the statements of their totalizing pretensions. Subjected to a forceful displacement of their enunciative jurisdiction, when caught in their arbitrariness, boastfulness and, ultimately, in their vulnerability, these statements perhaps start acting like circus mirrors which don't reflect, don't represent, don't aim at being the herald of truth, but rather caricature the image of whomever stands in front of them in search of a revelation. This procedure is justified not by the resort to an allegedly unorthodox, fancy or clandestine method in relation to the protocols of "good manners" in expression, but by the invocation of an intemperate, eager manner of critical addressing to the robust and even crackly performativity of the type of experience handed down to childhood - taken this performativity not only as an automatic effect of a relentless *dispositif*, but precisely as a "focus of experience", according to Foucault's concept of this term.

Keywords: children; discourse on childhood; Michel Foucault.

Fragmentos de un discurso sobre la infancia

Resumen

Acompañado de algunos supuestos teórico-metodológicos foucaultianos, el presente texto ambiciona problematizar los automatismos discursivos contemporáneos



reservados a la infancia, los cuales la adornan con el aura de bienaventuranza, consagrándole el papel de semillero de todas las cosas, y, al mismo tiempo, marcándola con la mácula de incontinencia, corrupción y subalternidad, atentando, así, contra su errancia, su calidad de inédito y, por lo tanto, su generatividad. El procedimiento que hemos adoptado es el de un entrelazado improbable de múltiples voces sobre la infancia. A la moda barthesiana, elegimos un conjunto de fragmentos discontinuos de textos teórico-clásicos, de relatos periodísticos y de obras literarias; todos ellos intercalados, ora por estribillos adaptados a lo que comúnmente se denomina industria cultural, ora por pasajes destacados del cancionero popular. Juntos, tales fragmentos acaban por componer un breve e insólito compendio de cosas efectivamente dichas no apenas sobre la infancia, sino también para ella, cuando no en nombre de ella. La estrategia de composición textual llevada a cabo es la de bricolaje de tales enunciados dispersos, con vistas a una confusión de las marcas autorales de las fuentes movilizadas. En otras palabras, nos interesa una especie de repetición distorsionada, hiperbólica, incluso monstruosa, de determinados destellos discursivos sobre el mundo y la vida infantil, más allá de las fronteras de su territorio enunciativo original. Igualmente, se trata de friccionar tales enunciados y, quizá, hacerlos cortocircuitar y, en el límite, delirar, a fin de que, de ese modo, podamos hacer reverberar no apenas los movimientos de repetición ahí presentes, sino también sus fisuras, sus posibles puntos ciegos, movedizos; puntos de agotamiento; puntos de viraje, tal vez. Nos cabe todavía aclarar que no tenemos la intención de describir, cuanto menos de interpretar los contenidos discursivos que perfilan la cantinela de la infancia, sino tan solamente traer a colación, una vez más, la ingeniosidad circular y reiterativa que los anima. Al hacerlo, nos cabe avivar sus nervaduras operacionales, desalojando temporalmente los enunciados de su pretensión de totalización. Sometidos a un desplazamiento forzoso de su jurisdicción enunciativa, tales enunciados, cuando son sorprendidos en su arbitrariedad, su presunción y, en límite, su vulnerabilidad, pasan, por suerte, a funcionar como espejos de circo, los cuales no reflejan, no representan, no logran ser emisarios de la verdad, al contrario, caricaturizan la imagen de aquel que allí se sitúa en busca de alguna revelación. Tal procedimiento se justifica no por el usufructo de una forma pretendidamente heterodoxa, extravagante o clandestina en relación a los protocolos de los "buenos modos" expresivos, si no por la invocación de un modo intemperante y sediento de enderezamiento crítico a la performatividad robusta y, al mismo tiempo, quebradiza del tipo de vivencia decretada a la infancia, tomada esta no apenas como efecto automático de un dispositivo implacable, sino precisamente como un "foco de experiencia", en la acepción de Foucault.

FRAGMENTOS DE UM DISCURSO SOBRE A INFÂNCIA

Parece pouco dizer que a infância é um postulado artificial, arbitrário, contingente e, portanto, sem nenhum fundamento de verdade. Um negócio, não obstante, escrutinado, estratificado, catalogado, patenteado e certificado. Em suma, uma paisagem desassombhada, despudorada, para sempre iluminada. Do mesmo modo, parece insuficiente dizer que, pela força da retórica moderna, a infância ter-se-ia reduzido a um acontecimento sitiado, loteado, pacificado, sedentarizado, tão exaurido quanto rebaixado. Uma experiência – perdão pelo eufemismo – demasiado apequenada. Terra devastada reconvertida paradoxalmente em terra prometida.

Já não bastaria dizer que, na cadência malemolente dos últimos séculos, a infância viu-se converter numa substância envelhecida, arrefecida, puída; matéria indelevelmente vencida pelo tempo. Uma infância sem susto, sem graça, sem vida.

Talvez fosse preciso dizer algo mais. Arrisquemo-nos a fazê-lo, partindo de uma hipótese analógica, decerto já mais bem dissecada por outros, entre infância e história.

Se, por um lado, é possível atestar algo como um persistente *sono dogmático* dos cânones em torno da infância, via sua contínua essencialização seja como lócus originário da experiência humana, seja como epicentro profilático dessa mesma experiência, por outro lado, seria necessário, na esteira foucaultiano-nietzscheana, submeter tais cânones ao *riso das solenidades da origem*. Um riso sem clemência, sem reservas. Ouçamos Foucault (2000, p.263):

Deseja-se acreditar que, em seu início, as coisas se encontravam em seu estado de perfeição; que elas saíram resplandecentes das mãos do criador ou na luz sem sombra da primeira manhã. [...] Mas o começo histórico é baixo. Não no sentido de modesto ou de discreto, como o passo da pomba, mas de derrisório, irônico, adequado para desfazer quaisquer ênfases.

Mediante a *idealidade longínqua* – novamente parafraseando Foucault – conferida à infância nos e pelos automatismos discursivos a ela reservados, cumprir-nos-ia desinvesti-los ponto a ponto, valendo-se não apenas do expediente da zombaria, mas também – ainda com Nietzsche – do ódio e da deploração. Trata-se de insurgir-se frontalmente contra todo tipo de encastelamento ou de substancialização discursivas acerca da experiência infantil, os quais a adornam com a aura de bem-aventurança, consagrando-lhe o papel de sementeira de todas as coisas, e, ao mesmo tempo, perpetram-lhe a pecha de incontinência, corrupção e subalternidade, atentando, assim, contra sua errância, seu ineditismo e, portanto, sua generatividade.

Insurgir-se contra tal estado de coisas exigiria, por um lado, destituir sumariamente a criança de toda sorte de sobredeterminações demiúrgicas que a encerram na reles condição de sujeito da infância, e, por outro lado, garantir



espaço e vazão para a indeterminação e o transbordamento que lhe são imanentes, franqueando, assim, sua potência de novidade, desgoverno e, no limite, risco: exatamente aquilo em relação a que os modernos cultivaram o mais puro e absoluto horror, empenhando-se, sem cessar, em extirpá-lo dos corações e mentes doravante civilizados.

Façamos um recuo a título de justificação de nosso raciocínio. Aferramo-nos, aqui, a uma plataforma analítica que visa a uma tomada da infância como apenas mais um dispositivo, na acepção foucaultiana. Vejamos a perspectiva de Paul Veyne (2011) sobre a questão:

O dispositivo mistura, portanto, vivamente, coisas e ideias (entre as quais a de verdade), representações, doutrinas, e até mesmo filosofias, com instituições, práticas sociais, econômicas etc. O discurso impregna tudo isso. Já conhecemos suas formas estranhas, suas fronteiras mais históricas que naturais: essa entidade de época tem a forma de um caco, de um seixo, mais do que de um raciocínio em forma (p.57).

Como, então, se postar diante de um dispositivo, em suas mil faces, mil encantos, mil ciladas? Novamente, Veyne oferece uma pista:

Uma vez que se explicita um discurso, seu arbitrário e seus limites aparecem. [...] A explicitação de algumas singularidades leva, assim, por indução, a uma crítica do conhecimento e do mundo como se encontra (p.69).

É o que aqui se ambiciona levar a cabo, por meio de um entrelaçamento improvável de múltiplas vocalizações sobre a infância. A fim de operar uma tessitura de tal natureza, elegemos, à moda barthesiana, um conjunto de fragmentos descontínuos de textos teóricos clássicos, de relatos jornalísticos e de obras literárias; todos eles entremeados ora por bordões afeitos àquilo que é comumente denominado *indústria cultural*, ora por passagens marcantes do cancionero popular. Juntos, tais fragmentos findam por compor um breve e insólito compêndio de coisas efetivamente ditas não apenas sobre a infância, mas também para ela, quando não em nome dela.

A estratégia de composição textual aqui levada a cabo é a da bricolagem de tais enunciados dispersos, com o fito de empilhá-los, confundi-los, banalizá-los, valendo-nos de uma estratégia de embaralhamento das marcas autorais das fontes mobilizadas. Em outras palavras, interessa-nos uma espécie de repetição distorcida, hiperbólica, monstruosa até, de determinadas fulgurações discursivas sobre o mundo e a vida infantis, para além ou aquém das fronteiras de seu território enunciativo original. Outrossim, trata-se de atritar tais enunciados e, quiçá, fazê-los curtocircuitar e, no limite, delirar, a fim de que, desse modo, possamos fazer reverberar não apenas os movimentos de repetição aí presentes, mas também suas fissuras, seus possíveis pontos cegos, movediços; pontos de esgotamento; pontos de virada, talvez.

Na trilha de Foucault (2006), tal procedimento demandaria operar de modo consoante a um misto de geólogo e gatuno, aquele que

olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O que vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto (p.69).

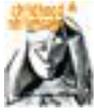
Em nosso caso, não se intenciona, claro está, nem descrever, tanto menos interpretar os conteúdos discursivos que pontilham o ramerrão da infância, mas tão somente trazer à tona, mais uma vez, a engenhosidade circular e reiterativa que os anima. Ao fazê-lo, cumpre-nos atíçar suas nervuras operacionais, desalojando temporariamente os enunciados de sua pretensão de totalização. Trata-se, assim, de levá-los ao limite da ecolalia e, com isso, fazê-los girar em falso, no intuito declarado de trapacear com tais enunciados ou, mais ousadamente, de carnavalizar sua existência fastidiosa, dogmática e impassível. Pirataria linguística, pilhagem enunciativa, nomadismo especulativo, terrorismo de sentidos.

Submetidos a um deslocamento forçoso de sua jurisdição enunciativa, tais enunciados, quando flagrados em sua arbitrariedade, sua jactância e, no limite, sua vulnerabilidade, passam, porventura, a funcionar como espelhos de circo, os quais não refletem, não representam, não logram ser emissários da verdade, mas, ao contrário, caricaturizam a imagem daquele que ali se posta em busca de alguma revelação.

Vale ressaltar que tal procedimento justifica-se não pelo usufruto de uma forma pretensamente heterodoxa, extravagante ou clandestina em relação aos protocolos dos *bons modos* expressivos, mas pela invocação de um modo intemperante e sequioso de endereçamento crítico à performatividade robusta e, ao mesmo tempo, quebradiça do tipo de vivência decretado à infância, este tomado não apenas como efeito automático de um dispositivo implacável, mas precisamente como um *foco de experiência*, em que se articulam, nos termos de Foucault (2010, p.4), “primeiro, as formas de um saber possível; segundo, as matrizes normativas de comportamento para os indivíduos; e enfim os modos de existência virtuais para sujeitos possíveis”. Mediante a experiência contemporânea da infância de que todos, de um modo ou de outro, padecemos ou, tanto pior, fazemos padecer, nada nos restaria além de contingenciar provisoriamente sua força ilocutória, sequestrando a naturalidade impávida de que ela se arvora.

Desta feita, defrontar-se com a mão-de-ferro normalizadora propiciada pela tagarelice contemporânea sobre a infância exigiria de nós um esforço analítico tão inusitado quanto intensivo. De mais a mais, como Foucault já alertara, nada de novo parece haver sob o sol dos discursos, salvo o acontecimento de seu retorno, computados aí todos os perigos, as vertigens e as alegrias discretas que isso comporta.

Eis, a seguir, o que pudemos empreender.



Eu ando pelo mundo / E os automóveis correm para quê? / As crianças correm para onde?¹

A primeira criança do mundo é uma menina. Chama-se Salem. Veio à luz num deserto batido por hienas, leões e guerras tribais, a 450 quilômetros de Adis Abeba. Foi batizada pelo ministro da Cultura e do Turismo Mohammud Drir com esse nome que, na Etiópia, quer dizer paz. E anunciada como “a filha de Lucy”, herdeira de todos os títulos do *Australopithecus afarensis*. Lucy Amharic, a mãe, é 150 mil anos mais nova que a filha. Foi achada, em 1974, a seis quilômetros da colina onde estava Salem. Ela mostrou que o primeiro passo do macaco para chegar ao homem não saiu propriamente de sua cabeça, mas de sua bacia. Em seus ossos ficou gravado o momento em que a espécie começou a andar de pé. Lucy não passou a andar porque era mais inteligente, mas simplesmente porque podia.²

A criança é, de todos os animais, o mais intratável, [...] na medida em que seu pensamento, ao mesmo tempo cheio de potencialidades e sem nenhuma orientação reta ainda, o torna arditoso, o mais hábil e o mais atrevido de todos os bichos.³

São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil: I – os menores de dezesseis anos; II – os que, por enfermidade ou deficiência mental, não tiverem o necessário discernimento para a prática desses atos; III – os que, mesmo por causa transitória, não puderem exprimir sua vontade.⁴

Criança não pode dormir na rua / Tem que tomar banho de sol / E não banho de lua / Como passarinho tem seu ninho / Criança tem que ter muito carinho / A gente não quer mais viver sozinho / Respeite todos os direitos dos baixinhos / [...] Baixinhos unidos / Jamais serão vencidos.⁵

As crianças têm direito: 1) a igualdade, sem distinção de raça, religião ou nacionalidade; 2) ao desenvolvimento físico, mental e social; 3) a um nome e uma nacionalidade; 4) a alimentação, moradia e assistência médica adequadas, incluindo as mães; 5) a amor e compreensão por parte dos pais e da sociedade; 6) a educação gratuita e lazer; 7) a cuidados especiais, no caso de deficiência física ou mental; 8) a socorro em primeiro lugar, em caso de catástrofes; 9) a proteção contra o abandono e a exploração no trabalho; 10) a um crescimento

¹ Canção: **Esquados**. Intérprete: Adriana Calcanhotto. Disponível em: <http://www.adrianacalcanhotto.com/sec_musicas_letra.php?id=42>. Acesso em: 08 nov. 2011.

² CORREIA, Marcos Sá. A primeira menina do mundo. **Piauí**, n.1, p.6, out. 2006.

³ PLATÃO apud GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI, Paulo (Org.). **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997, p.85.

⁴ **Código Civil**. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 11 nov. 2011.

⁵ Canção: **Direito dos baixinhos**. Intérprete: Xuxa Meneghel. Disponível em: <http://xuxa.globo.com/discos/exibir_letra/162>. Acesso em: 07 nov. 2011.

dentro de um espírito de solidariedade, compreensão, amizade e justiça entre os povos.⁶

Parece que a infância não é bem esse idílio bem-aventurado que retrospectivamente destorcemos; ao contrário, as crianças durante toda a sua infância sentem-se fustigadas pelo desejo de crescer e de fazer o que fazem os grandes.⁷

As crianças querem crescer. Nosso dever é ajudá-las nisso, e para tanto é o de crescer nós mesmos. É a única maneira de ser fiel à criança que fomos e que somos.⁸

Como reagir quando a criança acorda chorando porque teve um pesadelo? O pesadelo é uma forma saudável de lidar com sentimentos ruins que ela começa a vivenciar. Quando a criança acorda chorando, basta abraçá-la e acalmá-la.⁹

- Eu sou o lobo-mau, lobo-mau-lobo-mau. Eu pego as criancinhas pra fazer mingau. - Ah, seu lobo, faz com cremogema. - Cremogema? - Cre, cremo, cremo, cremogema é a coisa mais gostosa desse mundo.¹⁰

Quando o choro chegar, você cobrirá o rosto com delicadeza, usando ambas as mãos com a palma para dentro. As crianças chorarão esfregando a manga do casaco na cara, e de preferência num canto do quarto. Duração média do choro, três minutos.¹¹

Calma, mamãe, os primeiros dias são difíceis, você e o seu bebê estão se conhecendo. Mas a convivência fará você descobrir que o bebê chora de diferentes jeitos, que cada choro tem o seu significado e qual a maneira de satisfazer suas necessidades. Tranquilidade é essencial. [...] Existem dicas para traduzir os tipos de choro. Lembre-se: as crianças não são iguais, portanto, o choro varia de um para o outro. Fome: gemidos semelhantes a um apelo que não cessam com carinhos somente quando estiver satisfeito. Dor: grito agudo seguido de um pequeno intervalo. Fralda suja ou roupa desconfortável: choro fraquinho e estridente. Cólica: choro agudo e intenso, normalmente leva a criança a esticar e encolher as perninhas, tremer o queixo e fazer cara de dor. Frio ou calor: é um choro copioso de desconforto. Excesso de estímulo ou irritação: é um choro meloso que ocorre ao fim de um dia movimentado. Sono: criança agitada e com choro nervoso. Emocional: choro geralmente é acompanhado de soluços, como se o pequeno estivesse meio “engasgado” de raiva ou brabeza. Elimine cada opção até chegar em uma que acalme seu bebê. Se o choro persistir, o bebê pode estar com febre ou com alguma dor. Não

⁶ **Declaração universal dos direitos das crianças.** Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm>. Acesso em: 13 nov. 2011.

⁷ FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p.115.

⁸ COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico.** São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.315.

⁹ **Veja,** Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹⁰ Propaganda.

¹¹ CORTÁZAR, Julio. Instruções para chorar. In: _____. **Histórias de cronópios e de famas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.5.



ofereça remédios sem orientação médica. Procure o pediatra do seu filho e com ele descubra o que o pequeno tem.¹²

Krosa é a palavra sânscrita para grito, e terminou por significar a distância máxima em que um grito humano pode ser ouvido, pouco mais de três quilômetros.¹³

A criança é completamente estranha a essa sociedade e poderia resumir sua própria posição na frase evangélica: “O meu reino não é deste mundo”. Trata-se, portanto, de uma criatura totalmente apartada da organização elaborada pelos homens, estranha ao mundo artificial que o homem construiu separadamente da natureza. [...] Com efeito, a criança é um ser extra-social, que perturba sempre o ambiente onde se encontram os adultos e até mesmo a casa de seus pais.¹⁴

É preciso proteger as crianças de brinquedos sem o selo do Inmetro; de piscinas sem o colete salva-vidas; de baldes; de objetos pequenos como botões, moedas, brincos e colares de contas; de sacos e sacolas plásticas; de vasos sanitários destampados e piscinas e reservatórios de água descobertos; de dormirem de barriga para baixo; de alimentos em grãos pequenos e duros; de tomadas elétricas descobertas; de ferros de passar roupas; de toalhas de mesa compridas ou jogos americanos; de fios elétricos soltos ou desencapados; da proximidade a fogões; de panelas com cabos para fora; venenos de qualquer tipo; de produtos de limpeza e, em especial, álcool; de trocadores altos; de janelas sem grades ou redes; de escadas e lajes; de beliches; de pisos escorregadios; de plantas venenosas; de remédios e, sobretudo, armas de fogo.¹⁵ Também de você e de mim.

Eu não gosto de contar vantagens, mas uma coisa posso afirmar: a minha infância foi tão maravilhosa quanto a de qualquer outro mentiroso.¹⁶

Janaína, uma menina de 14 anos, negra, baixinha, boca grande e lábios grossos, falastrona e, vista de certo ângulo, divertida, não tem a ponta do dedo indicador da mão esquerda. É o menor de seus problemas. Janaína começou a se prostituir aos 10 anos. O primeiro a abusar dela foi um policial. Ganhou em troca uma pedrinha de crack. Passou a viver na área do Centro de São Paulo conhecida como Cracolândia. Entrou na roda-viva de prostituir-se, ou “fazer programas” – muitos, a cada dia –, em troca das pedrinhas miraculosas – muitas, a cada dia. Janaína [...] é filha de mãe alcoólatra. Tem oito irmãos, um deles deficiente mental. Logo depois de nascer, foi retirada da mãe, que batia nos filhos. Abrigaram-na num orfanato. Aos 5 anos, voltou para a mãe, que havia virado evangélica e parara de beber. Aos 9 anos, acompanhou a mãe numa sortida até a Cracolândia. O objetivo era resgatar um irmão de Janaína,

¹² RODRIGUES, Bruno. Significados do choro. Disponível em:

<<http://guiadobebe.uol.com.br/significados-do-choro>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

¹³ BOINOD, Adam Jacot de. **Tingo**: o irresistível almanaque das palavras que a gente não tem. São Paulo: Conrad, 2007, p.197.

¹⁴ MONTESSORI, Maria. **A criança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, s/d, p.227.

¹⁵ Disponível em: <<http://criancasegura.org.br/page/dicas-de-prevencao>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

¹⁶ FERNANDES, Millôr. **Millôr definitivo**: a bíblia do caos. Porto Alegre, L&PM, 2007, p.303.

cinco anos mais velho, que se viciara em crack. Em vez de trazer o filho de volta, a mãe acabou perdendo também a filha. Janaína gostou do que viu e, principalmente, do que experimentou.¹⁷

Brincando, marcha o menino de hoje. / Lutando, marchará o menino de amanhã. / [...] Criança feliz, que vive a cantar / alegre embalar seu sonho infantil / ó meu bom Jesus, que a todos conduz / olhai as crianças do nosso Brasil!¹⁸

As causas de hospitalização de crianças de 0 a 4 anos são, por ordem decrescente: 1) quedas; 2) queimadura com líquidos quentes; 3) choque elétrico; 4) atropelamento; 5) queimadura com fogo; 6) envenenamento com medicamentos, pesticidas e outros. Já as mortes infantis na mesma faixa etária têm as seguintes causas principais: 1) afogamento; 2) atropelamento; 3) acidente de trânsito; 4) sufocação; 5) queimadura com fogo; 6) queda.¹⁹

Eu já sabia quando começou. Pelos primeiros sinais. Eu mesma já tinha feito umas análises no laboratório. E, uma noite, Pierre arrancou a folha para escrever um poema. Ele ficou tão orgulhoso, o meu homenzinho. Ele era tão bonito. Tão feliz. E eu já via a morte chegando nele. Eu sentia uma dor tão grande que me rasgava o ventre e o coração e que me apavorava. Então, levei-o comigo. As pessoas disseram que eu o sequestrei. Talvez tivessem razão. E eu fugi com ele. Uma noite, nós fizemos uma festa, na Maison Verte. Eu quase já não dormia. Nós cantamos e rimos. E li todas as suas histórias preferidas. Então, eu o deitei na cama. Disse a ele o quanto o amava e que iria lhe dar uma injeção. Eu o segurei em meus braços até de manhã. E depois, o que aconteceu não tem importância. Eu esperei pela prisão. De um modo ou de outro, eu era culpada. Tinha trazido uma criança ao mundo apenas para condená-la à morte. Eu não tinha nada a dizer. Explicar... Explicar o que, explicar a quem? Explicar não seria mais que procurar desculpas, e a morte não tem desculpa. A pior prisão é a morte de seu filho. E dessa prisão não se sai nunca.²⁰

No que concerne à brevidade da existência, todos nós, jovens ou velhos, em comparação com o universo, estamos em pé de igualdade. O que nos cabe de toda a sucessão dos tempos é menos que uma ínfima parte, porque uma parte, mesmo ínfima, é uma parte, enquanto o tempo da nossa vida é praticamente nulo. Mas, ó loucura humana!, que planos grandiosos nós fazemos para esta nulidade que é a existência!²¹

Entre os Masai, o nome de uma criança, mulher ou guerreiro mortos não é mais pronunciado. Se ele coincide com uma palavra no dia-a-dia, ela tampouco é usada pela família da pessoa que morreu. Já os Sakalavas de

¹⁷ TOLEDO, Roberto Pompeu de. Do outro lado da Lua. **Piauí**, n.56, p.26, maio 2011.

¹⁸ Canção: **Canção da criança**. Intérprete: Francisco Alves. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/francisco-alves/cancao-da-crianca.html>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

¹⁹ Disponível em: <<http://criancasegura.org.br/page/dados-sobre-acidentes>>. Acesso em: 25 nov. 2011.

²⁰ Filme: **Há tanto tempo que te amo**. Diretor: Philippe Claudel. 2008.

²¹ SENECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009, p.548.



Madagascar não dizem seus nomes nem o de suas aldeias a desconhecidos, para evitar que sejam usados para lhes fazer o mal.²²

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios.²³

Por que jamais se parou de escrever histórias para crianças? Por que Walter Benjamin, ao mesmo tempo que se inquietava, no nascer do nazismo, com a possibilidade do desaparecimento da narrativa nas sociedades democráticas, decidiu escrever narrativas para crianças e lê-las no microfone de uma rádio de Berlim?²⁴

Eu preparo uma canção / que faça acordar os homens / e adormecer as crianças.²⁵

Todos os dias, cerca de 250 mil crianças ao redor do mundo, em vez de se levantar para ir à escola, pegam em armas e vão à guerra. O exército de crianças – superior ao Exército brasileiro (200 mil soldados) – está espalhado por 32 países, tão diferentes entre si como Israel (palestinos nos territórios ocupados) e Angola, Colômbia e Myanmar (ex-Birmânia). As crianças soldados podem ser encontradas tanto nos Exércitos de alguns desses países quanto em grupos armados de oposição.²⁶

A função da criança é viver sua própria vida, não a vida que seus pais, angustiados, pensam que elas devem levar, nem a que está de acordo com os propósitos de um educador que imagina saber o melhor. Toda interferência por parte de adultos só produz uma geração de robôs.²⁷

Brincar irritava a ira de nosso pai. “Viver demanda muita seriedade”, ele retrucava. Só contar estrelas permitia, por ser uma lida sem fim. Os filhos se assentavam no degrau da escada, em fila. Rendiam-se à primeira estrela e rezavam: “Primeira estrela que eu vejo me dê tudo que eu desejo”. Naquela tarde eu vi primeiro. Orei à luz para não deixar meu amor quebrar-se, nunca mais.²⁸

Não é ingenuamente que os pais presenteiam suas crianças com um telefone celular. Por causa da violência, particularmente dos sequestros, os pais querem ter seus filhos conectados permanentemente; acabam, assim, transmitindo a eles a sua própria insegurança. Para aperfeiçoar essa conexão,

²² BOINOD, Adam Jacot de. **Tingo**: o irresistível almanaque das palavras que a gente não tem. São Paulo: Conrad, 2007, p.23.

²³ CÉSAR, Ana Cristina. Cartilha da cura. In: _____. **A teus pés**. São Paulo: Ática, 1998, p.46.

²⁴ MONGIN, Olivier. A doença adulta da infância. **Folha de S. Paulo**, Mais, 24 jul. 1994. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/24/mais!/12.html>>. Acesso em: 29 out. 2011.

²⁵ ANDRADE, Carlos Drummond de. Canção amiga. In: _____. **Antologia poética**. 32.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.143.

²⁶ DIAS, Otávio. Crianças perdem infância e vão à guerra. **Folha de S. Paulo**, Mundo, 21 dez. 1997. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/21/mundo/11.html>>. Acesso em: 29 out. 2011.

²⁷ ALAIN. **Reflexões sobre a educação**. São Paulo: Saraiva, 1978, p.11.

²⁸ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.33.

empresas oferecem a implantação de chips nas crianças, que, dessa maneira, podem ser facilmente detectadas por satélite.²⁹

Plunct, Plact, Zuum! / Não vai a lugar nenhum. / Tem que ser selado / Registrado, carimbado / Avaliado, rotulado / Se quiser voar.³⁰

Quando nasci, num mês de tantas flores, / Todas murcharam, tristes, langorosas, / Tristes fanaram redolentes rosas, / Morreram todas, todas sem olores. / Mais tarde da existência nos verdores / Da infância nunca tive as venturosas / Alegrias que passam bonançosas, / Oh! Minha infância nunca tive flores!³¹

A felicidade das crianças é um mito, tanto como a felicidade dos hiperbóreos, de que falavam os gregos. Se existe felicidade na Terra, acreditavam eles, certamente seria o mais longe possível de nós, nos confins da Terra. De modo semelhante pensam os mais velhos: se alguém pode ser feliz, certamente o será o mais longe possível de *nossa* idade, no limite ou começo da vida. Para muitas pessoas, a visão das crianças, *através* do véu desse mito, é a maior felicidade de que podem participar.³²

Felicidade pode chegar de mansinho. Trazendo risadas e um monte de amiguinhos. Use Ortopé pra proteger o seu pezinho. Calçado de criança feito com carinho. Ortopé, Ortopé, tão bonitinho.³³

Se a gente pudesse escolher a infância que teria vivido, com que enternecimento eu não recordaria agora aquele velho tio de perna de pau, que nunca existiu na família, e aquele arroio que nunca passou aos fundos do quintal, e onde íamos pescar e sestar nas tardes de verão, sob o zumbido inquietante dos besouros...³⁴

Uma em cada onze crianças com mais de oito anos de idade está infeliz, segundo um estudo divulgado em janeiro deste ano pela Children's Society, organização centenária de proteção infantil. Apesar de a pesquisa trazer à tona uma realidade das crianças entre 8 e 16 anos do Reino Unido, especialistas brasileiros em saúde infantil afirmam que esse não é um problema exclusivo das crianças britânicas. No Brasil, a realidade é parecida. Ana Maria Escobar, pediatra do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, em São Paulo, conduziu uma pesquisa com os pais de cerca de 900 crianças de 5 a 9 anos que estudavam em escolas particulares e estaduais. De acordo com os resultados do estudo, os pais disseram que 22,7% das crianças apresentavam ansiedade; 25,9% tinham problemas de atenção e 21,7% problemas de comportamento. [...] Mais

²⁹ DIMENSTEIN, Gilberto. Criança não é brincadeira. **Folha de S.Paulo**, Cotidiano, 16 jan. 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1601200525.htm>>. Acesso em: 29 out. 2011.

³⁰ Canção: **Carimbador maluco**. Intérprete: Raul Seixas. Disponível em: <<http://www.lettras.com.br/raul-seixas/o-carimbador-maluco>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

³¹ ANJOS, Augusto dos. Mágoas. In: _____. **Obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.372.

³² NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres, volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.278.

³³ Propaganda.

³⁴ QUINTANA, Mário. As falsas recordações. In: _____. **Sapato florido**. 2.ed. São Paulo: Globo, 2005, p.119.



do que infelizes, as crianças brasileiras também estão ansiosas, estressadas, deprimidas e sobrecarregadas.³⁵

Procurando bem / Todo mundo tem pereba / Marca de bexiga ou vacina / E tem piriri, tem lombriga, tem ameba / Só a bailarina que não tem [...] Sala sem mobília / Goteira na vasilha / Problema na família / Quem não tem?³⁶

“Você tem saudade de seu tempo de menino, Riobaldo?” – ele me perguntou, quando eu estava explicando o que era o meu sentir. Nem não. Tinha saudade nenhuma. O que eu queria era ser menino, mas agora, naquela hora, se eu pudesse possível. Por certo que eu já estava crespo da confusão de todos. Em desde aquele tempo, eu já achava que a vida da gente vai em erros, como um relato sem pés nem cabeça, por falta de sisudez e alegria.³⁷

E aconteceu depois destas coisas, que provou Deus a Abraão, e disse-lhe: Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.³⁸

O Estado deve dirigir a educação do povo de maneira que a infância, desde os primeiros tempos, se prepare a enfrentar a luta pela vida que a espera. Deve tomar todo o cuidado para que não se forme uma geração de comodistas. Esse trabalho de educação e assistência deve ser iniciado pelas mães. Assim como foi possível, com um cuidadoso trabalho de dez anos, conseguir um ambiente livre de infecções para o nascimento, limitando as possibilidades de febres puerperais, também devem ser e serão possíveis, por meio de real educação das irmãs e das próprias mães, já nos primeiros anos da criança, cuidados que forneçam excelentes bases para um desenvolvimento futuro.³⁹

Quando a criança nasce, já tem quase todas as células do cérebro que a acompanharão durante a vida. Mas faltam ainda os circuitos e conexões que ligam os neurônios. Na primeira infância, essas conexões ocorrem de uma forma muito rápida. Além dos fatores genéticos, o principal determinante são as experiências que a criança vivencia. Nos primeiros dois anos de vida, o ritmo de ligações alcança 700 conexões por segundo. É como a construção progressiva de uma casa. As primeiras conexões são o fundamento, as seguintes são as paredes, depois o telhado... Os circuitos de maior complexidade dependem dos anteriores, mais elementares. Naturalmente, o cérebro não perde a capacidade de compensar deficiências e nunca é tarde demais para desistir. Mas o resultado

³⁵ CUMINALE, Natalia. Por que as crianças estão cada vez mais infelizes? Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/por-que-as-criancas-estao-cada-vez-mais-infelizes>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

³⁶ Canção: **Ciranda da bailarina**. Intérprete: Chico Buarque. Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=cirandad_82.htm>. Acesso em: 07 nov. 2011.

³⁷ ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.260-261.

³⁸ **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/22>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

³⁹ HITLER, Adolf. **Minha luta**. Disponível em: <<http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/por/por.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2011.

fica aquém quando comparado com um desenvolvimento adequado e o custo torna-se muito maior.⁴⁰

Depois de um sono bom / A gente levanta / Toma aquele banho / E escova o dentinho. / Na hora de tomar café / É o Café Seletto / Que a mamãe prepara / Com todo carinho.⁴¹

As crianças precisam sentir que pertencem a uma família. Elas carregam esse amor dentro de si para onde forem, inclusive nos seus primeiros passos na escola. A sensação de pertencer à família as defende de ser adotadas por traficantes, bandos de delinquentes ou fanáticos de qualquer espécie.⁴²

A família é a fonte da prosperidade e da desgraça dos povos.⁴³

O ranking das prioridades por ocasião da escolha da escola particular para os filhos: segurança – 87%; qualidade de ensino – 81%; disciplina – 74%; amizades – 56%; alimentação – 50%; atividades extras – 42%.⁴⁴

Aqui tudo parece que é ainda construção e já é ruína / Tudo é menino e menina no olho da rua / O asfalto, a ponte, o viaduto ganando pra lua / Nada continua / E o cano da pistola que as crianças mordem / Reflete todas as cores da paisagem da cidade que é muito mais bonita e / muito mais intensa do que um cartão postal.⁴⁵

Por que as crianças gostam de calçar os sapatos dos pais? Não é só calçar sapatos, mas fazer a barba, varrer o chão etc. Para entender o mundo, a criança precisa de modelo, e imitar os pais, mesmo em situações caseiras, faz parte desse aprendizado.⁴⁶

Na língua dos Mosuo (China) não existe a palavra correspondente a pai. A tradução mais apropriada para a figura paterna é *axia*, que significa amigo ou amante; uma criança tem só uma mãe, mas pode ter uma série de *axia*. Um *axia* tem uma série de noites de amor com uma mulher e em seguida volta para a casa de sua mãe. As crianças que nascem dessas relações são criadas na casa da mulher. Não existem pais, maridos ou casamentos nessa sociedade. Os irmãos cuidam dos filhos das irmãs e agem como pais. Irmãos e irmãs vivem juntos a vida inteira nas casas de suas mães.⁴⁷

⁴⁰ SHONKOFF, Jack. Investimento em 1ª infância é o mais essencial. **O Estado de S. Paulo**, 8 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,investimento-em-1-infancia-e-o-mais-essencial,820080,0.htm>>. Acesso em: 30 out. 2011.

⁴¹ Propaganda.

⁴² TIBA, Içami. **Quem ama, educa!** São Paulo: Gente, 2002, p.74.

⁴³ LUTERO, Martin. In: BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. **Dicionário das citações**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.204.

⁴⁴ BERGAMO, Giuliana; BARROS, Mariana. Segurança é item primordial nas escolas particulares. **Veja São Paulo**, 20 out. 2010. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2187/escolas-particulares-seguranca>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

⁴⁵ Canção: **Fora da ordem**. Intérprete: Caetano Veloso. Disponível em: <http://letras.azmusica.com.br/letras_caetano_veloso/letras_circulado/letra_fora_da_ordem.html>. Acesso em: 08 nov. 2011.

⁴⁶ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁴⁷ BOINOD, Adam Jacot de. **Tingo**: o irresistível almanaque das palavras que a gente não tem. São Paulo: Conrad, 2007, p.90.



Acontece que já amamos nossas crianças narcisisticamente, por serem nossas imagens, nossos futuros e encarregadas de serem felizes onde a gente falhou. A isso se acrescenta uma verdadeira fé na potência de nosso amor. Como as coisas poderiam dar errado com a ajuda do amor dos pais e como dar certo em sua ausência? O narcisismo dos pais se torna assim um equivalente da graça divina. [...] Urge inventar novas maneiras de sermos pais; nem o abuso da indiferença nem a cantiga soprando nos ouvidos: sejam felizes, gozem a vida, vocês têm direito.⁴⁸

Famílias, odeio-vos! Lares fechados; portas trancadas; possessões ciumentas da felicidade.⁴⁹

Mais de uma vez eu vi meus pacientezinhos, por vezes necessitados de suas análises, reclamarem que a sessão ocorria no mesmo momento do Pokémon. O desenho guardava o lugar importante de objeto subjetivo. Por isso eles trazem para o nosso trabalho seus pokémons nas formas mais variadas: figurinhas para jogarmos bafo, bonecos para lutas e evocação de poderes, bonecos da sala que viram pokémons, desenhos que serão espalhados pelo consultório e nos permitirão encontrar e aprisionar nossos pokémons em nossas pokébolos também inventadas...⁵⁰

Os filhos de pais psicanalistas definham precocemente. Quando crianças de peito, precisam admitir que têm sensações voluptuosas ao evacuar. Mais tarde lhes perguntam que ideias lhes vieram à mente quando viram um cavalo defecando no caminho para a escola. Podemos falar de sorte quando uma criança dessas atinge a idade em que o jovem pode confessar um sonho em que violou sua mãe.⁵¹

Polegares / Polegares / Onde estão? / Aqui estão / Eles se saúdam / Eles se saúdam / E se vão / E se vão.⁵²

Os Nambiquara têm poucos filhos; como eu haveria de notar mais tarde, os casais sem filhos não são raros, um ou dois filhos parece um número normal, e é excepcional encontrar mais de três numa família. As relações sexuais entre os pais são proibidas enquanto o recém-nascido não se desmamou, isto é, frequentemente até os três anos. [...] As exigências da vida nômade, a pobreza do meio impõem aos indígenas uma grande prudência; quando é preciso, as mulheres não hesitam em recorrer a meios mecânicos ou a plantas medicinais para provocar o aborto.⁵³

⁴⁸ CALLIGARIS, Contardo. O amor dos pais não é panacéia. **Folha de S.Paulo**, Ilustrada, p.10, 21 out. 1999.

⁴⁹ GIDE, André. Os alimentos terrestres. In: BARELLI, Ettore; PENNACCHIETTI, Sergio. **Dicionário das citações**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.204.

⁵⁰ TALES, Ab'Sáber. Psicanálise dos Pokémons. **Folha de S.Paulo**, Mais, 30 abr. 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3004200007.htm>>. Acesso em: 30 out. 2011.

⁵¹ KRAUS, Karl. **Aforismos**. Porto Alegre: Arquipélago, 2010, p.122.

⁵² Canção: **Os dedinhos**. Intérprete: Eliana. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/eliana/91150/>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

⁵³ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.266.

Era uma casa muito engraçada / Não tinha teto / Não tinha nada. / [...] Mas era feita com muito esmero.⁵⁴

Longa noite de inverno. E a mulher gritava sem parar, retorcendo o corpo magro, mordendo os lençóis sujos. Uma velha, vizinha sua na pequena água-furtada, teimava em fazê-la engolir alguns tragos de um vinho espesso e azul. A chama da lâmpada morria lentamente. O papel das paredes, apodrecido pela água, descolava-se em grandes farrapos, oscilantes à aragem noturna. Ao pé da janela dormia a máquina de costura, com o trabalho ainda preso entre os dentes. Extinguiu-se o lume, e a mulher, sob os dedos trêmulos da velha, continuou gritando na sombra. Deu à luz pela madrugada. Agora sentia-se invadida por estranho e profundo bem-estar. As lágrimas caíam-lhe dos olhos entrecerrados. Estava sozinha com o filho. Porque aquele embrulhozinho de carne terra e cálida, colado à sua pele, era seu filho... Amanhecia. Um clarão lívido veio manchar a miserável habitação. Lá fora, a tristeza do vento e da chuva. A mulher olhou para o menino, que lançava o seu gemido novo e abria e aproximava a boca, a boca vermelha, larga ventosa sedenta de vida e dor. E então a mãe sentiu uma imensa ternura subir-lhe à garganta. Em vez de dar o seio ao filho, deu-lhe as mãos, suas descarnadas mãos de operária; agarrou o pescoço frágil e apertou. Apertou generosamente, amorosamente, implacavelmente. Apertou até o fim.⁵⁵

Eu adoro meus filhos. Você deve adorar os seus. Mas nem por isso a gente deve abrir a carteira e mostrar aquela foto pequenininha, em que todas as crianças são absolutamente iguais. E foto de bebês? Não vamos obrigar o nosso próximo a dizer que gracinha, ok?⁵⁶

Igualmente é uma opinião aceita por todos que não é correto criar uma criança no colo dos pais. Esse amor natural entenece-os e relaxa-os, até mesmo aos mais ajuizados. Não são capazes nem de castigar-lhes as faltas nem de vê-la criada vigorosamente, como deve ser.⁵⁷

As crianças são altivas, desdenhosas, iradas, invejosas, curiosas, interessadas, preguiçosas, volúveis, tímidas, intemperantes, mentirosas, dissimuladas; riem e choram facilmente; têm alegrias imoderadas e aflições amargas sobre assuntos mínimos; não querem sofrer o mal e gostam de fazê-lo; já são homens.⁵⁸

Na natureza nada dá saltos. Por isso, é preciso que os juristas que estão a reformar os nossos códigos Penal e Civil acolham a zona fronteira da semi-imputabilidade e da incapacidade civil relativa, fazendo-as constar,

⁵⁴ Canção: **A casa**. Intérprete: Vinicius de Moraes. Disponível em: <http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php?id_article=296>. Acesso em: 06 nov. 2011.

⁵⁵ BARRETT, Rafael. A mãe. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RÓNAI, Paulo (Orgs.). **Mar de histórias**: antologia do conto mundial, VIII: no limiar do século XX. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p.151.

⁵⁶ LEÃO, Danuza. **Na sala com Danuza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.207.

⁵⁷ MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**, volume I. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.229.

⁵⁸ LA BRUYÈRE, Jean de. In: RÓNAI, Paulo (Org.). **Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.223-224.



respectivamente, dos nossos diplomas legais. Do ponto de vista psiquiátrico-forense, é imprescindível a graduação legal para que se respeitem os momentos biopsicológicos do desenvolvimento do ser humano. Ele se faz aos poucos, sem saltos bruscos, o que, traduzido em idade, pode ter os seguintes limites. Do nascimento aos 12 anos é o período das aquisições mentais gerais. O cérebro não atingiu seu peso definitivo e os neurônios se maturam aos poucos. Corresponde, juridicamente, à imputabilidade penal e à incapacidade civil.⁵⁹

E porque se supunha essa criatura estranha cheia de instinto de todos os pecados, com a tendência para a preguiça e a malícia, seu corpo era o mais castigado dentro de casa. Depois do corpo do escravo, naturalmente. Depois do corpo do moleque leva-pancadas, que às vezes apanhava por ele e pelo menino branco. Mas o menino branco também apanhava. Era castigado pelo pai, pela mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padre, pela tia solteirona, pelo padre-mestre, pelo mestre-régio, pelo professor de Gramática.⁶⁰

Não esqueça a minha Caloi!⁶¹

As crianças, quando em liberdade, têm muito menos ódio a expressar do que quando são oprimidas. Ódio gera ódio, amor gera amor. Amor significa ser favorável à criança, e isso é essencial em qualquer escola. Não se pode estar do lado da criança se a castigamos e repreendemos violentamente.⁶²

Não esqueça: tem que ser Caloi!⁶³

E eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia – algumas vezes gemendo –, mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai, nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!”.⁶⁴

Eu quero a minha Caloi!⁶⁵

Todos os pedagogos eruditos são unânimes em afirmar que as crianças não sabem por que desejam determinada coisa; mas também os adultos, como as crianças, andam ao acaso pela terra, e, tanto quanto elas, ignoram de onde vêm ou para onde vão; como elas, agem sem propósito determinado e, igualmente, são governados por biscoitos, bolos e varas de marmelo: eis uma verdade que ninguém quer acreditar, embora seja óbvia, no meu entender.⁶⁶

⁵⁹ PALOMBA, Guido Arturo. Limites da menoridade. **Folha de S.Paulo**, Cotidiano, 5 dez. 1998. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff05129808.htm>>. Acesso em: 30 out. 2011.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961, p.68.

⁶¹ Propaganda.

⁶² NEILL, Alexander Sutherland. **Liberdade sem medo**: radical transformação na teoria e na prática da educação. São Paulo: IBRASA, 1973, p.7.

⁶³ Propaganda.

⁶⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ediouro, 2004, p.46.

⁶⁵ Propaganda.

⁶⁶ GOETHE, Johan Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.16.

Este puxa-puxa / tá com gosto de coco. / A senhora pôs coco, mãe? / - Que coco nada. / - Teve festa quando a senhora casou? / - Teve. Demais. / - O que que teve então? / - Nada não menina, casou e pronto. / - Só isso? / - Só e chega. / Uma vez fizemos piquenique, / ela fez bolas de carne / pra gente comer com pão. / Lembro a volta do rio e nós na areia. / Era domingo, / ela estava sem fadiga / e me respondia com doçura. / Se for isso o céu, / está perfeito.⁶⁷

A criança é o ponto de partida, o centro e o fim. Seu desenvolvimento e seu crescimento, o ideal. Só ele fornece a medida e o julgamento em educação. Todos os estudos se subordinam ao crescimento da criança: só tem valor quando sirvam às necessidades desse crescimento.⁶⁸

Frutas, leite, feijão, arroz, carnes, verduras e legumes: uma vez por semana. Pão de queijo, ovo, iogurte, picolé e biscoito: de três a quatro vezes por semana. Doce de leite, chocolate, pizza, pipoca, danoninho: uma vez por semana. Refrigerante, hambúrguer, bolacha recheada, salgadinho e bala: raramente.⁶⁹

A madrasta montava a comida em cada prato. O arroz de um lado. O feijão ralo ficava ancorado no arroz, lembrando uma praia mansa com um mar negro, sem ondas. Na extremidade do oceano, uma ilha feita de abóbora, chuchu ou quiabo, segundo sua escolha. Um fragmento de carne - renda bem engomada - segurava o arroz. A fatia de tomate entrava como um sol. Sobre o arroz em neve, colorindo seu império.⁷⁰

Por que quem sempre comeu de tudo pode passar a não querer comer mais? Quando troca a papinha por comidas sólidas, é normal que a criança coma menos porque o apetite diminui.⁷¹

Não posso. Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele diz: não posso, estou com fome. Ela repete exasperada: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? - pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta.⁷²

A infância não é um mero acidente, um reverso, mas sim a forma própria que reveste o desenvolvimento do ser. [...] A Natureza sabe bem o que faz; ela é

⁶⁷ PRADO, Adélia. Mater dolorosa. In: _____. **Oráculos de maio**. São Paulo, Siciliano, 1999, p.47.

⁶⁸ DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p.46.

⁶⁹ **Veja**, Especial, Criança: do nascimento aos cinco anos, 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/crianca/p_056.html>. Acesso em: 17 nov. 2011.

⁷⁰ QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Vermelho amargo**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.38-39.

⁷¹ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁷² LISPECTOR, Clarice. As crianças chatas. In: _____. **A descoberta do mundo**. 4.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.15.



melhor biólogo que todos pedagogos do Universo, e a maneira como procede para fazer de uma criança um adulto deve ser o único guia do preceptor.⁷³

Os indígenas sentem e manifestam pelos filhos profundo afeto, sendo correspondidos. Mas às vezes esses sentimentos são encobertos pelo nervosismo e pela instabilidade que também demonstram. Um garotinho sofre de indigestão; está com dor de cabeça, vomita, passa a metade do tempo a gemer, e a outra, a dormir. Ninguém lhe dá a menor atenção e deixam-no sozinho um dia inteiro. Quando chega a noite, sua mãe se aproxima, cata-lhe piolhos devagarinho, enquanto ele dorme, faz um sinal para que os outros não cheguem perto e coloca-o nos braços como numa espécie de berço.⁷⁴

Então se levantou Abraão pela manhã de madrugada, e albardou o seu jumento, e tomou consigo dois de seus moços e Isaque seu filho; e cortou lenha para o holocausto, e levantou-se, e foi ao lugar que Deus lhe dissera. Ao terceiro dia levantou Abraão os seus olhos, e viu o lugar de longe. E disse Abraão a seus moços: Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o moço iremos até ali; e havendo adorado, tornaremos a vós.⁷⁵

É importante para a criança ter contato com animais [...]? Sim. Através do contato com os animais ela vai perceber que o humano não é o único ser com vida e vai saber respeitá-lo.⁷⁶

Não atire o pau no gato / Porque isso / Não se faz. / O gatinho / É nosso amigo. / Não devemos maltratar os animais. / Miau!⁷⁷

Expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando de meios de correção ou disciplina: Pena – detenção, de 2 (dois) meses a 1 (um) ano, ou multa. § 1º – Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave: Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos. § 2º – Se resulta a morte: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 12 (doze) anos. § 3º – Aumenta-se a pena de um terço, se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (catorze) anos.⁷⁸

A mortalidade infantil caiu 14% nos últimos 25 anos na África Subsaariana, a região do planeta onde uma criança tem menos chances de sobreviver, segundo o relatório O Estado da Infância na África, elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). As deficiências nos sistemas de saúde e a desnutrição são as principais causas da alta taxa de mortalidade

⁷³ CLAPARÈDE, Edouard. **Psicologia da criança e pedagogia experimental**. São Paulo: Editora do Brasil, 1956, p.450.

⁷⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.267.

⁷⁵ **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/22>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

⁷⁶ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁷⁷ Cantiga popular, versão adaptada.

⁷⁸ **Código Penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 12 nov. 2011.

infantil no continente africano, onde a cada dia morrem 14 mil crianças. Uma em cada seis crianças morre antes de completar cinco anos de idade.⁷⁹

Andar pelas ruas sem esbarrar com um pedinte é impossível. E esse é um tema que, desde pequenos, os filhos questionam. Explica a psicóloga como agir diante disso: “Então, diga o que realmente acontece. Que são pessoas que se atrapalharam na vida por algum motivo, tiveram algum problema, como um trauma grande ou que se envolveram com drogas”.⁸⁰

À criança e ao borracho, Deus põe a mão por baixo.⁸¹

É um foco de ira para aqueles que andam por esta grande Cidade ou viajam para o Interior, quando vêm as Ruas, as Estradas e as Soleiras das Casas abarrotadas de Mendigas seguidas por três, quatro ou seis Crianças, todas em trapos e importunando cada um dos Passantes por uma Esmola. [...] quem quer que pudesse encontrar um método justo, barato e fácil de tornar essas Crianças úteis e saudáveis Membros dos Bens-comuns, mereceria ter por parte do público a sua Estátua como preservador da Nação. [...] uma Criancinha saudável bem tratada é, com um Ano, um Alimento delicioso e nutritivo, seja Cozida, Grelhada, Assada ou Fervida; e eu não tenho dúvidas de que serviria também em um Guisado ou um Ensopado. Eu, então, humildemente ofereço à apreciação do público que das cento e vinte Mil crianças já calculadas, vinte Mil sejam reservadas para Reprodução, das quais um quarto seriam Machos, mais do que admitimos para Ovelhas, Bovinos ou Suínos. Meu Argumento é que essas Crianças raramente são Frutos do Matrimônio, uma Circunstância não muito levada em conta por nossos Selvagens, sendo portanto um Macho suficiente para servir quatro Fêmeas. Que as cem Mil restantes, com a Idade de um ano sejam postas à Venda para pessoas de Boa Posição Social e Fortuna em todo o Reino, sempre aconselhando a mãe que as deixem Sugar abundantemente durante o último Mês, de modo que as entreguem Gordas e Rechonchudas para uma boa Mesa. Uma Criança daria dois Pratos em uma Recepção para os Amigos, e quando a família jantar sozinha, o Quarto dianteiro ou traseiro daria um Prato razoável. Temperado com um pouco de Pimenta ou Sal ficaria muito bom fervido no quarto Dia, especialmente no Inverno.⁸²

Come chocolates, pequena; / Come chocolates! / Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates. / Olha que as religiões todas não

⁷⁹ SEGUNDO Unicef, 14 mil crianças morrem a cada dia na África. **O Estado de S.Paulo**, 16 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,segundo-unicef-14-mil-criancas-morrem-a-cada-dia-na-africa,190658,0.htm>>. Acesso em: 31 out. 2011.

⁸⁰ DEUTNER, Katia. Veja como explicar às crianças dez questões complicadas, como pedofilia, morte e drogas. **UOL**, 25 nov. 2011. Disponível em: <<http://estilo.uol.com.br/comportamento/ultimas-noticias/2011/11/25/veja-como-explicar-as-criancas-dez-questoes-complicadas-como-pedofilia-morte-e-drogas.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2011.

⁸¹ PINTO, Ciça Alves. **Livro dos provérbios, ditados, ditos populares e anexins**. 4.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2003, p.55.

⁸² SWIFT, Jonathan. **Manual para fazer das crianças pobres churrasco**. São Paulo: Editora do bispo, 2006, p.19-41.



ensinam mais que a confeitaria. / Come, pequena suja, come! / Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!⁸³

Leite condensado / caramelizado / com flocos crocantes / coberto por um delicioso chocolate Nestlé.⁸⁴

Todos sabem que a infância é a idade mais alegre e agradável. Mas, que é que torna os meninos tão amados? Que é que nos leva a beijá-los, abraçá-los e amá-los com tanta afeição? Ao ver esses pequenos inocentes, até um inimigo se enternece e os socorre. Qual é a causa disso? É a natureza, que, procedendo com sabedoria, deu às crianças um certo ar de loucura, pelo qual elas obtêm a redução dos castigos dos seus educadores e se tornam merecedoras do afeto de quem as tem ao seu cuidado. [...] Quero que me chamem de mentirosa, se não for verdade que os jovens mudam inteiramente de caráter logo que principiam a ficar homens e, orientados pelas lições e pela experiência do mundo, entram na infeliz carreira da sabedoria. Vemos, então, desvanecer-se aos poucos a sua beleza, diminuir a sua vivacidade, desaparecerem aquela simplicidade e aquela candura tão apreciadas. E acaba por extinguir-se neles o natural vigor.⁸⁵

Dois meninos, parados, contemplavam o cadáver, espetáculo repugnante; mas a infância, como a ciência, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadáver nem nada. Assim passam os trabalhos deste mundo.⁸⁶

Por que devemos responder a tantos porquês dos nossos filhos? As perguntas são um termômetro da curiosidade infantil. Os estudos mostram que responder tudo é garantir um adulto interessado em aprender.⁸⁷

Dedos médios / Dedos médios / Onde estão? / Aqui estão / Eles se saúdam / Eles se / saúdam / E se vão / E se vão.⁸⁸

Pode-se dizer tudo a uma criança – tudo; sempre me deixou perplexo a idéia de como os grandes conhecem mal as crianças, os pais e as mães conhecem mal até os seus próprios filhos. Não se deve esconder nada das crianças sob o pretexto de que são pequenas e ainda é cedo para tomarem conhecimento. Que idéia triste e infeliz! E como as próprias crianças reparam direitinho que os pais acham que elas são pequenas demais e não entendem nada, ao passo que elas compreendem tudo.⁸⁹

“Você troca uma bicicleta por uma chupeta velha? Siiiiimmm!!!”. O foguete com isolamento acústico e com a luz que acendia para a criança gritar

⁸³ PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: _____. **Obra poética**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p.364.

⁸⁴ Propaganda.

⁸⁵ ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da loucura**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/erasmo.html#ref26>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

⁸⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Um caso de burro. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr12.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

⁸⁷ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁸⁸ Canção: **Os dedinhos**. Intérprete: Eliana. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/eliana/91150/>>. Acesso em: 05 nov. 2011.

⁸⁹ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. São Paulo: Ed. 34, 2002, p.91.

virou o quadro mais famoso do programa [Domingo no parque, comandado por Silvio Santos].⁹⁰

Se quiserem saber se pedi muito / Ou se nada pedi, nesta minha vida, / Saiba, senhor, que sempre perdi / Na criança que fui, tão confundida. [...] Nem soube defender-me das palavras. / Nem soube dizer das aflições, da mágoa / De não saber dizer coisas amantes. / O que vivia em mim, sempre calava. / E não sou mais que a infância.⁹¹

A Lagarta e Alice se olharam em silêncio durante algum tempo. Finalmente, a Lagarta tirou o cachimbo da boca e se dirigiu à menina, numa voz lânguida e sonolenta: – Quem é você? Não era exatamente um início de conversa dos mais animadores. Alice respondeu encabulada: – A senhora me desculpe, mas no momento eu não tenho muita certeza. Quer dizer, eu sei quem eu era quando acordei hoje de manhã, mas já mudei uma porção de vezes desde que isso aconteceu.⁹²

Por que as meninas andam, falam e aprendem antes dos meninos? Não há conclusões definitivas, mas suspeita-se que sejam fatores hormonais que variam com o sexo. O desenvolvimento tende a se igualar na pré-adolescência.⁹³

As meninas superpoderosas, Hello Kitty, Lisa Simpson, Mônica e Magali, Olívia Palito, Luluzinha, Mafalda, Emília e Narizinho, Barbie, Minnie, She-Há, Lilica Ripilica, Penélope Charmosa, Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, A Pequena Sereia, A Bela adormecida, Rapunzel, Margarida sem o Donald, a Bela sem a Fera, A dama sem o vagabundo. Por onde andaré Betty Boop?⁹⁴

Desde o início, meninas controlam suas emoções mais que meninos. Eles choram mais quando estão tristes, enquanto elas dão preferência a chupar o dedo. Durante as conversas, as filhas ficam mais tempo olhando para os pais do que os meninos. Aos 4 meses, elas reconhecem mais rostos que eles. Meninas estão mais preparadas para construir relacionamentos e interpretar suas emoções. Meninos comunicam-se por palavras em 60% do tempo. Os 40% restantes são completados por barulhos feitos com a boca, reproduzindo barulhos de socos, carros, motos, aviões. Meninas praticamente só usam palavras e raramente imitam motores.⁹⁵

Então o mestre perdeu a cabeça comigo: Não minta, ouviu? diga a verdade, já lh'ó disse! Fiquei muito tempo calado. De repente, não sei o que me passou pela cabeça que acreditei que o mestre queria efectivamente que lhe dissesse a verdade. E, creança como eu era, puz todo o pezo do corpo em cima das pontas dos pés, e com o coração á solta confessei a verdade: Mestre! antes

⁹⁰ ALZER, Luís André; CLAUDINO, Mariana. **Almanaque Anos 80**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p.16.

⁹¹ HILST, Hilda. Testamento lírico. In: _____. **Exercícios**. São Paulo: Globo, 2002, p.169.

⁹² CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2000, p.50.

⁹³ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

⁹⁴ Personagens infantis.

⁹⁵ **Veja**, Especial, Criança: do nascimento aos cinco anos, 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/crianca/p_056.html>. Acesso em: 17 nov. 2011.



de chegar á Escola ha uma casa que vende bonecas. Na montra estava uma boneca vestida de côm-de-rosa! Mestre! a boneca estava vestida de côm-de-rosa! A boneca tinha a pelle de cêra. Como as meninas! A boneca tinha os olhos de vidro. Como as meninas! A boneca tinha as tranças cahidas. Como as meninas! A boneca tinha os dedos finos. Como as meninas! Mestre! A boneca tinha os dedos finos...⁹⁶

Em 1978, com o lançamento do Falcon, foi quebrado o tabu de que menino não podia ter boneco. Para mostrar que o Falcon era coisa de homem, ele tinha cicatriz no rosto e era supermusculoso. Parecia gente de verdade: existia o louro e o moreno, com e sem barba. O boneco acabou virando uma febre. [...] O Falcon não ficava completamente pelado como a Susi e a Barbie. Ele tinha uma sunga azul, de plástico, que fazia parte do boneco.⁹⁷

As mulheres no Afeganistão são proibidas de dançar em público, mas garotos são obrigados a dançar vestidos de mulher, e muitas vezes sofrem abuso sexual. Em uma festa de casamento em um vilarejo remoto no norte do país, após a meia-noite, não há sinais dos noivos, nem de mulheres, apenas homens. Alguns deles estão armados, alguns tomam drogas. A atenção de quase todos está sobre um garoto de 15 anos, que dança para o grupo em um vestido longo e brilhante, com sua face coberta por um véu vermelho. Ele usa seios postiços e sinos presos aos calcanhares. Um dos homens oferece a ele algumas notas de dólar americano, que ele pega com os dentes. Esta é uma tradição antiga, chamada bachabaze, que significa literalmente “brincando com garotos”. O mais perturbador é o que acontece após as festas. Com frequência, os meninos são levados a hotéis e sofrem abusos sexuais. Os homens responsáveis pela prática são comumente ricos e poderosos. Alguns deles mantêm vários bachas (meninos) e os usam como um símbolo de status, como uma demonstração de sua riqueza.⁹⁸

Que cuidado deve-se tomar quando a criança vai dormir na casa do amigo? Saber quem são os pais do amigo do seu filho. Não tenha vergonha de ligar e achar que está desconfiando deles. Eles têm a mesma curiosidade em relação a você.⁹⁹

Pesquisa realizada no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo revela que quatro a cada dez crianças vítimas de abuso sexual foram agredidas pelo próprio pai e três pelo padrasto. O tio é o terceiro agressor mais comum (15%), seguido de vizinhos (9%) e primos (6%). Pessoas desconhecidas representam apenas 3% dos casos. Em 88% das violências sexuais infantis praticadas, o agressor faz parte do círculo de convivência da criança. A maioria

⁹⁶ NEGREIROS, José de Almada. **A invenção do dia claro**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, p.45.

⁹⁷ ALZER, Luís André; CLAUDINO, Mariana. **Almanaque Anos 80**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p.251.

⁹⁸ MENINOS são alvo de abuso sexual em dança tradicional afegã. **O Estado de S.Paulo**, 9 set. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,meninos-sao-alvo-de-abuso-sexual-em-danca-tradicional-afega,607250,0.htm>>. Acesso em: 31 out. 2011.

⁹⁹ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

dos casos ocorre com meninas (63,4%), vindas da capital com menos de dez anos de idade.¹⁰⁰

Ao nascer, uma criança grita; sua primeira infância passa chorando. Ora a sacodem e a mimam para acalmá-la, ora a ameaçam e lhe batem para que fique quieta. Ou lhe fazemos o que lhe agrada, ou exigimos dela o que nos agrada; ou nos submetemos às suas fantasias, ou a submetemos às nossas: não há meio-termo, ela deve dar ordens ou recebê-las. Assim suas primeiras idéias são de domínio e servidão. [...] Quando essa criança, escrava e tirana, cheia de ciência e carente de juízo, igualmente débil de corpo e de alma, é jogada no mundo, mostrando sua incapacidade, seu orgulho e todos os seus vícios, isso faz com que se deplorem a miséria e a perversidade humanas.¹⁰¹

Praticar, na presença de alguém menor de 14 (catorze) anos, ou induzi-lo a presenciar, conjunção carnal ou outro ato libidinoso, a fim de satisfazer lascívia própria ou de outrem: Pena – reclusão, de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.¹⁰²

Talvez seja essa a principal estratégia de sobrevivência da criança pequena: ter olhos encantadores e pele tão macia que dá vontade de apertar. Dependentes dos pais para as mais insignificantes tarefas, os bebês fazem da beleza a arma irresistível para atrair a atenção que exigem dia e noite durante a demorada fase de desenvolvimento.¹⁰³

Da primeira edição de *Veja*, em 11/09/1968, até a de número 2241, de 29/10/2011, o termo pedofilia foi empregado 124 vezes nas páginas da revista. Entre 2000 e 2011, 94 vezes, sendo 2002 o ano recordista (17 ocorrências). Na década de 90, o termo surgiu outras 27 vezes. Na de 80, duas. E apenas uma em 1979. Foi na matéria de 07 de janeiro de 1981, intitulada *Falsa Inocência*, que o tema foi abordado pela primeira vez, quando da crítica do *A Lagoa Azul*. Segundo o crítico Jack Kroll, o filme, sucesso de bilheteria e estrelado por Brooke Shields, então com 14 anos, não passaria de “um filme exploração sexual, de conteúdo tão inconsistente quanto uma fruta que amadureceu demais”. E conclui: “Por trás de sua aparência reverente e cerimoniosa, *A Lagoa Azul* no fundo é pornografia frustrada” (p.49-50). Na página seguinte à crítica do filme, *Veja* dava conta da morte de Marshall MacLuhan, de um aborto de Lisa Minelli, da separação de Jack Nicholson e Angelica Huston, e de que a recordista mundial de corrida feminina e ganhadora da medalha de ouro nas Olimpíadas de 1932 nos 100 metros rasos, Stella Walsh, era, na verdade, hermafrodita.¹⁰⁴

¹⁰⁰ MAIORIA das crianças sofre abuso sexual do pai ou padrasto. **Childhood Brasil**, 22 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.childhood.org.br/maioria-das-criancas-sofre-abuso-sexual-do-pai-ou-padrasto>>. Acesso em: 23 nov. 2011.

¹⁰¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.25-26.

¹⁰² **Código Penal**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em: 12 nov. 2011.

¹⁰³ VARELLA, Drauzio. Amor de mãe. **Folha de S.Paulo**, Ilustrada, 8 set. 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0809200130.htm>>. Acesso em: 31 out. 2011.

¹⁰⁴ **Veja**, edição 644, 7 jan. 1981. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>>. Acesso em: 16 nov. 2011.



O que acontece quando a criança vê cenas de violência ou sexo na TV? Não se chegou a um veredicto. O que se sabe é que a criança funciona como um computador cuja memória está vazia. Ela armazena todo tipo de informação que recebe, e ninguém quer que um menino de 5 anos tenha na memória cenas de violência.¹⁰⁵

É abusiva, dentre outras, a publicidade discriminatória de qualquer natureza, a que incite à violência, explore o medo ou a superstição, se aproveite da deficiência de julgamento e experiência da criança, desrespeite valores ambientais, ou que seja capaz de induzir o consumidor a se comportar de forma prejudicial ou perigosa à sua saúde ou segurança.¹⁰⁶

As palavras e as palavras todas e esses livros explicando todas essas palavras e as palavras dos ingleses e os orientais, lá no oriente, integrados ao todo e esse todo e aquele programa divertido explicando todas aquelas palavras e o Cristo sofrendo, lá, com aqueles romanos de toga e as espadas dos romanos enfiadas nas barrigas das criancinhas esguichando sangue e o sol secando o sangue das criancinhas e o sangue das criancinhas queimando o piloto em chamas e o Pelé chorando pelas criancinhas.¹⁰⁷

E tomou Abraão a lenha do holocausto, e pô-la sobre Isaque seu filho; e ele tomou o fogo e o cutelo na sua mão, e foram ambos juntos. Então falou Isaque a Abraão, seu pai, e disse: Meu pai! E ele disse: Eis-me aqui, meu filho! E ele disse: Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? E disse Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. Assim caminharam ambos juntos.¹⁰⁸

É proibido mentir para a criança? Como regra geral, sim. Pode comprometer a relação de confiança. Mas aquela mentira eventual, que ajuda os pais a sair de uma situação difícil, não chega a ser uma tragédia.¹⁰⁹

Se alguém quer saber porque é que Deus tem em tão grande consideração as criancinhas e as aprecia tanto, por mais que reflita, não encontrará uma razão mais forte que esta: as criancinhas têm todas as faculdades mais simples e mais aptas para receber os remédios que a misericórdia divina oferece para a cura das coisas humanas, em estado tão deplorável.¹¹⁰

A gente gostava de brincar com palavras / mais do que de bicicleta. / Principalmente porque ninguém possuía bicicleta. / A gente brincava de

¹⁰⁵ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹⁰⁶ **Código de Defesa do Consumidor**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8078.htm>. Acesso em: 10 nov. 2011.

¹⁰⁷ SANT'ANNA, André. Amor. In: _____. **Amor e outras histórias**. Lisboa: Cotovia, 2001, p.16.

¹⁰⁸ **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/22>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

¹⁰⁹ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹¹⁰ COMÊNIO, Jan A. **Didáctica Magna**. 4.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p.64.

palavras descomparadas. Tipo assim: / O céu tem três letras / O sol tem três letras / O inseto é maior. / O que parecia um despropósito / Para nós não era despropósito.¹¹¹

Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe sua imaginação. Por isso, a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, por ser menor sua experiência.¹¹²

Tom e Jerry; Pica-pau; Popeye; Scooby-Doo; He-man; Thundercats; Os cavaleiros do zodíaco; Doug; A caverna do dragão; Os Jetsons; Pernalonga; Pipi-piu e frajola; Snoopy e Woodstock; Os Simpsons; A família Adams; A pantera cor-de-rosa; X-men; Papa-léguas; Pokémon; A formiga atômica; Os Smurfs; Manda-chuva; Os muppets; Os Herculóides, Tartarugas Ninjas; Os Superamigos; Pepe Legal; Riquinho; Robocop; Garfield; Cebolinha e Cascão; Gato Félix; Tutubarão; Speedy Racer; Os Flintstones; Zé Colméia; Corrida Maluca; Gasparzinho; Bob Esponja; e o *capo de tutti capi*: Calvin.¹¹³

Somos uma espécie de camaleão, que constantemente tomamos a cor das coisas que nos rodeiam; e não é de admirar que isto assim mesmo aconteça com a criança, que compreende melhor as coisas que vê, que as coisas que ouvem.¹¹⁴

É tão bom / bom, bom, bom / Quem quer pão / Pão, pão, pão / Bom estar contigo na televisão.¹¹⁵

Pertence a própria natureza da condição humana o fato de que cada geração se transforma em um mundo antigo, de tal modo que preparar uma nova geração para um mundo novo só pode significar o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo.¹¹⁶

Estudos mostram que, no primeiro ano de vida, a criança tem a capacidade de identificar e discriminar sons com perfeição. Por isso, ao ter contato com a língua estrangeira nessa fase, terá mais facilidade para, no futuro, aprender o idioma sem sotaques.¹¹⁷

Já nasceu o deus menino / E as vaquinhas vão mugindo / Blim blom, blim blom / Blim blom nylon / Mary, Mary, Mary Cristo / Cristo, Cristo, Mary, Mary / Toda noite olham por nós / Anjos cantam de lá do céu.¹¹⁸

Não me mostrem Deus carrancudo e vingativo; isso me afastará Dele. Não desconversem quando faço perguntas, senão procurarei na rua as respostas

¹¹¹ BARROS, Manoel de. Brincadeiras. In: _____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003, p.10.

¹¹² VYGOTSKY, Lev S. **La imaginación y el arte en la infancia**. 6.ed. Madrid: Ediciones Akal, 2003, p.17.

¹¹³ Personagens infantis.

¹¹⁴ LOCKE, John. **Pensamientos sobre la educación**. Madrid: ACAL, 1986, p.95.

¹¹⁵ Canção: **É tão bom**. Intérprete: Paquitas. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/paquitas/281625/>>. Acesso em: 09 nov. 2011.

¹¹⁶ ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.226.

¹¹⁷ GOIS, Antonio. Bebês têm aula de inglês antes mesmo de falar. **Folha de S.Paulo**, Cotidiano, 12 jun. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1206201101.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

¹¹⁸ Canção: **Mary Cristo**. Intérprete: Tribalistas. Disponível em: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php>. Acesso em: 08 nov. 2011.



que não tive em casa. Não me mostrem pessoas perfeitas e infalíveis. Ficarei muito chocado quando descobrir nelas algum erro. Não digam que não conseguem me controlar. Eu julgarei que sou mais forte que vocês. Não digam que meus termos são bobos, mas ajudem-me a compreendê-los. Não me tratem como pessoa sem personalidade. Lembrem-se de que tenho meu próprio jeito de ser. Não me apontem continuamente os defeitos das pessoas que me cercam. Isso criará em mim um espírito intolerante. Não se esqueçam de que eu gosto de experimentar as coisas por mim mesmo. Não queiram me ensinar tudo. Nunca desistam de ensinar o bem, mesmo que eu pareça não estar aprendendo. No futuro vocês verão em mim um fruto daquilo que plantaram. Muito obrigado, papai, mamãe, por tudo o que fizeram.¹¹⁹

Educar é adaptar a criança ao meio social adulto, isto é, transformar a constituição psicobiológica do indivíduo em função do conjunto de realidades coletivas às quais a consciência comum atribui algum valor. Portanto, dois termos na relação constituída pela educação: de um lado o indivíduo em crescimento e de outro, os valores sociais, intelectuais e morais nos quais o educador está encarregado de iniciá-lo.¹²⁰

A Secretaria Municipal da Saúde (SMS) de São Paulo comprou, nos primeiros meses deste ano, 150 mil comprimidos de *Ritalina* (*Cloridrato de Metilfenidato*), um estimulante do sistema nervoso central usado no tratamento de pacientes com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). O número corresponde a quase o total da droga adquirido pelo órgão durante os 12 meses de 2010, quando foram compradas 180 mil unidades.¹²¹

No planeta do príncipezinho havia, como em todos os outros planetas, ervas boas e más. Por conseguinte, sementes boas, de ervas boas; sementes más, de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no segredo da terra até que uma cisme de despertar. Então ela espreguiça, e lança timidamente para o sol um inofensivo galinho. Se é de roseira ou rabanete, podemos deixar que cresça à vontade. Mas quando se trata de uma planta ruim, é preciso arrancar logo, mal a tenhamos conhecido.¹²²

O Brasil é o segundo país que mais utiliza o Cloridrato de Metilfenidato (princípio ativo do medicamento), perdendo apenas para os Estados Unidos. [...] Dados do Instituto Brasileiro de Defesa dos Usuários de Medicamentos mostram que de 2000 a 2008, a venda de caixas de metilfenidato saltou de 71 mil para 1.147.000, um aumento de 1.615%. Os números não consideram receitas de medicamentos manipulados ou comprados pelo poder público.¹²³

¹¹⁹ CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001, p.29.

¹²⁰ PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense, 1998, p.139.

¹²¹ BARROS, Ana Cláudia. SP: Prefeitura aumenta compra de remédio para TDAH. **Terra Magazine**, 27 jun. 2011. Disponível em:

<<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI5208423-EI6582,00-SP+Prefeitura+turbina+compra+de+tarja+preta+para+TDAH.html>>. Acesso em: 21 nov. 2011.

¹²² SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 40.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1993, p.20-21.

¹²³ BARROS, Ana Cláudia. Psicóloga: ao invés de reverem a educação, usam Ritalina. **Jornal do Brasil**, 28 jun. 2011. Disponível em:

Super fantástico amigo! / Que bom estar contigo / No nosso balão! / Vamos voar novamente / Cantar alegremente / Mais uma canção. [...] Sou feliz, por isso estou aqui / Também quero viajar nesse balão!¹²⁴

Na prática, não temos dúvidas de que algumas crianças retardadas sejam humanas, mas podemos deparar-nos com graus de retardamento que nos fazem desejar que tivéssemos uma categoria de retardamento que nos permitisse não classificar uma criança como ser humano.¹²⁵

O dia inteiro sentados num banco do pátio, ficavam os quatro filhos idiotas do matrimônio Mazzini-Ferraz. Tinham a língua entre os lábios, os olhos estúpidos vazios e se voltavam com a boca aberta. [...] Zumbiam horas inteiras, imitando o bonde elétrico. Os ruídos violentos sacudiam desta forma sua inércia e então corriam, mordendo a própria língua e bramando, ao redor do pátio. Contudo, quase sempre estavam apagados, imersos na profunda letargia do idiotismo, e passavam todo o dia sentados em seu banco, com as pernas suspensas e quietas, empapando a calça de uma saliva grossa. [...] Não sabiam deglutir, trocar de lugar, nem mesmo sentar-se. Aprenderam finalmente caminhar, porém se chocavam contra tudo, por não se dar conta dos obstáculos. Quando os banhavam, mugiam até injetar-se de sangue o rosto. Animavam-se somente ao comer, ou quando viam cores brilhantes ou quando ouviam trovões. Riam-se, então, jogando para fora a língua e rios de baba, radiantes de frenesi bestial. Tinham, em troca, certa faculdade imitativa; porém não se podia obter mais nada.¹²⁶

Todos os dedos / Todos os dedos / Onde estão? / Aqui estão / Eles se saúdam / Eles se saúdam / E se vão / E se vão.¹²⁷

A infância deve ser vista como a mais preciosa propriedade da Pátria. Deve-se providenciar para que só pais sadios possam ter filhos. Só há uma coisa vergonhosa: é que pessoas doentes ou com certos defeitos possam procriar, e deve ser considerada uma grande honra impedir que isso aconteça.¹²⁸

E chegaram ao lugar que Deus lhe dissera, e edificou Abraão ali um altar e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão, e tomou o cutelo para imolar o seu filho; Mas o anjo do Senhor lhe bradou desde os céus, e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. Então disse: Não estendas a tua mão sobre o

<<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/06/28/psicologa-ao-inves-de-reverem-a-educacao-usam-ritalina/>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

¹²⁴ Canção: **Super fantástico**. Intérprete: A Turma do Balão Mágico. Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/a-turma-do-balao-magico/68342/>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

¹²⁵ WINNICOTT, Donald W. **Os bebês e suas mães**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.45.

¹²⁶ QUIROGA, Horácio. A galinha degolada. **Revista Bula**, 08 dez. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistabula.com/posts/traducao/horacio-quiroya-a-galinha-degolada>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

¹²⁷ Canção: **Os dedinhos**. Intérprete: Eliana. Disponível em:

<<http://letras.terra.com.br/eliana/91150/>>. Acesso em: 05 nov. 2011

¹²⁸ HITLER, Adolf. **Minha luta**. Disponível em:

<<http://radioislam.org/historia/hitler/mkampf/por/por.htm>>. Acesso em: 03 nov. 2011.



moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único filho.¹²⁹

O que acontece quando a criança ganha presentes demais? O ideal é dar presentes no Natal e no aniversário, com direito a lembrancinhas no Dia das Crianças e na Páscoa. Presente demais pode levar a criança a confundir vínculo afetivo com objetos materiais.¹³⁰

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor.¹³¹

O Brasil tem hoje pelo menos 50 mil crianças e adolescentes que vivem e trabalham em depósitos de lixo a céu aberto – os lixões. Segundo pesquisa do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), 30% deles estão fora da escola e recebem entre R\$ 1 e R\$ 6 por dia comercializando o lixo, que também é a principal fonte de alimentação dessas crianças. Para combater o problema, o Unicef, o Ministério do Meio Ambiente e a Secretaria de Desenvolvimento Urbano lançaram ontem [16/06/1999] a campanha “Criança no Lixo Nunca Mais”, que pretende tirar dos lixões, até 2002, todos os 50 mil crianças e adolescentes.¹³²

Teus ombros suportam o mundo / e ele não pesa mais que a mão de uma criança. As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios / provam apenas que a vida prossegue / e nem todos se libertaram ainda.¹³³

A manutenção de uma criança de classe média no Brasil recobre, impreterivelmente: babá; escola; plano de saúde; alimentação; enxoval; academia; transporte escolar; diversão; férias; festa de aniversário; livros e dvds; fraldas; pediatra; material escolar; vacinas; remédios; carrinhos; dentista; presentes; corte de cabelo; berço; mamadeiras e chupetas; vitaminas; segurança no carro.¹³⁴

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo.¹³⁵

¹²⁹ **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/22>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

¹³⁰ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹³¹ BARROS, Manoel de. Achadouros. In: _____. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003, p. XIV.

¹³² FALCÃO, Daniela. 50 mil crianças vivem em lixões no Brasil. **Folha de S.Paulo**, Cotidiano, 17 jun. 1999. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff17069921.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

¹³³ ANDRADE, Carlos Drummond de. Os ombros suportam o mundo. In: _____. **Antologia poética**. 32.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p.138.

¹³⁴ **Veja**, Especial, Criança: do nascimento aos cinco anos, 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/especiais/crianca/p_056.html>. Acesso em: 17 nov. 2011.

¹³⁵ KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 1996, p.11.

“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas”. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.¹³⁶

Passarinho quer dançar / O rabicho balançar / Porque acaba de nascer / Tchu tchu tchu tchu.¹³⁷

Empresas alemãs estão recorrendo aos jardins de infância para tentar resolver o problema da falta de engenheiros treinados. A idéia das empresas é equipar as escolas com formas de estimular nas crianças, desde cedo, o interesse por engenharia - para ajudar, no futuro, a resolver o problema de falta de profissionais na área. [...] Empresas grandes como Siemens, Bosch e ThyssenKrup estão entre centenas de outras empresas dando materiais e dinheiro aos jardins de infância para tentar atrair o interesse de crianças de até três anos para a tecnologia e a ciência.¹³⁸

Os gastos anuais, em média, de uma família de classe média alta paulistana com a educação de um filho pequeno em 2011 subdividiram-se em: uniforme: 80 dólares; material: 270 dólares; lanche: 430 dólares; passeios extracurriculares: 1050 dólares; transporte: 1100 dólares; matrícula e mensalidades: 14.000 dólares. Total: 16.930 reais. Boa notícia: há desconto quando há mais de um filho matriculado.¹³⁹

Observai a natureza e segui a rota que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças, enrijece seu temperamento com provas de toda espécie e cedo lhes ensina o que é sofrimento e dor. [...] Exercitai-as, pois, para os golpes que um dia terão de suportar. Enrijecei seus corpos para as intempéries das estações, dos climas, dos elementos, para a fome, para a sede, a fadiga [...]. Uma criança suportará mudanças que um homem não suportaria; as fibras da primeira, moles e flexíveis, tomam facilmente a forma que lhes damos; as do homem, mais duras, só com violência mudam a forma que receberam.¹⁴⁰

¹³⁶ ALVES, Rubem. **Gaiolas e asas**. Disponível em:

<<http://www.rubemalves.com.br/gaiolaseasas.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

¹³⁷ Canção: **Baile dos passarinhos**. Intérprete: A Turma do Balão Mágico. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/a-turma-do-balao-magico/766234/>>. Acesso em: 06 nov. 2011.

¹³⁸ ALEMÃES apostam em jardins da infância para "recrutar" engenheiros. **O Estado de S.Paulo**, 18 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral/alemaes-apostam-em-jardins-da-infancia-para-recrutar-engenheiros,191639,0.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

¹³⁹ JORDÃO, Claudia; MONTEIRO, Flora. Escolas fazem reajustes de até 23% nas mensalidades de 2012. **Veja São Paulo**, 16 nov. 2011. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2243/reajustes-em-escolas-particulares>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

¹⁴⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p.24.



Seis regras básicas na hora de enfrentar a rebeldia do seu filho: diga não; seja coerente; não recue; seja firme; exerça a autoridade; explique as regras claramente.¹⁴¹

“Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.¹⁴²

Quando são contrariadas, as crianças batem na mãe, que não se opõe. As crianças não são castigadas, e nunca vi nenhuma delas apanhando, nem sequer um esboço de um gesto, a não ser uma brincadeira. De vez em quando, uma criança chora porque se machucou, brigou ou está com fome, ou porque não quer que lhe catem piolhos. Mas este último caso é raro: catar piolhos parece encantar o paciente, na mesma medida em que diverte o catador, isso também é visto como uma demonstração de interesse ou afeto. Quando quer que lhe catem piolhos, a criança – ou o marido – repousa a cabeça sobre os joelhos da mulher, apresentando sucessivamente os lados da cabeça. A operadora procede dividindo a cabeça em repartidos ou olhando as mechas contra a claridade. O piolho é catado e comido no mesmo instante. A criança que chora é consolada por um membro da família, ou por uma criança mais velha.¹⁴³

As minhas primeiras relações com a justiça foram dolorosas e deixaram-me funda impressão. Eu devia ter quatro ou cinco anos, por aí, e figurei na qualidade de réu. [...] Meu pai me descobriu acorocado e sem fôlego, colado ao muro, e arrancou-me dali violentamente, reclamando um cinturão. Onde estava o cinturão? Eu não sabia, mas era difícil explicar-me: atrapalhava-me, gaguejava, embrutecido, sem atinar com o motivo da raiva. Os modos brutais, coléricos, atavam-me; os sons duros morriam, desprovidos de significação. Não consigo reproduzir toda a cena. Juntando vagas lembranças dela a fatos que se deram depois, imagino os berros de meu pai, a zanga terrível, a minha tremura infeliz. Provavelmente fui sacudido. O assombro gelava-me o sangue, escancarava-me os olhos. Onde estava o cinturão? Impossível responder. Ainda que tivesse escondido o infame objeto, emudeceria, tão apavorado me achava. Situações deste gênero constituíram as maiores torturas da minha infância, e as consequências delas me acompanharam. O homem não me perguntava se eu tinha guardado a miserável correia: ordenava que a entregasse imediatamente. Os seus gritos me entravam na cabeça, nunca ninguém se esgoelou de semelhante maneira. Onde estava o cinturão? Hoje não posso ouvir uma pessoa falar alto. O coração bate-me forte, desanima, como se fosse parar, a voz emperra, a vista escurece, uma cólera doida agita coisas adormecidas cá dentro. A horrível sensação de que me furam os tímpanos com pontas de ferro. Onde

¹⁴¹ **Veja**, Especial, Sua criança do nascimento até os cinco, 1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/especiais/bebes/index.html>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

¹⁴² ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p.33.

¹⁴³ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.267.

estava o cinturão? A pergunta repisada ficou-me na lembrança: parece que foi pregada a martelo.¹⁴⁴

Minha verdade, meu caráter e meu nome estavam nas mãos dos adultos; aprendera a ver-me com os olhos deles; eu era uma criança, esse monstro que eles fabricam com suas queixas. [...] Sem palavras, sem forma nem consistência, diluída nesta inocência transparência, uma transparente certeza estragava tudo: eu era um impostor.¹⁴⁵

Em geral, os acontecimentos da vida infantil não deixam sobre a humanidade senão impressões mal definidas. Tudo são sombras, lembranças fracas e irregulares, confusão vaga de prazeres ligeiros e de penas fantasmagóricas. Comigo não acontece assim. É necessário que tenha sentido minha infância com a energia de homem feito; tudo o que encontro ainda hoje me está gravado na memória, com traços tão vivos, tão profundos e tão duradouros como as faces das medalhas cartaginesas. E no entanto, debaixo do ponto de vista ordinário, esses dias mereciam pouca recordação.¹⁴⁶

Hoje é domingo / pede cachimbo.¹⁴⁷

Quando seu pai lhe comunicou o seu pavor por ter-se esquecido até dos fatos mais impressionantes da sua infância, Aureliano lhe explicou o seu método, e José Arcadio Buendía o pôs em prática para toda a casa e mais tarde o impôs a todo o povoado. Com um pincel cheio de tinta, marcou cada coisa com o seu nome: *mesa, cadeira, relógio, porta, parede, cama, panela*. Foi ao curral e marcou os animais e as plantas: *vaca, cabrito, porco, galinha, aipim, taioba, bananeira*. Pouco a pouco, estudando as infinitas possibilidades do esquecimento, percebeu que podia chegar um dia em que se reconhecessem as coisas pelas suas inscrições, mas não se recordasse a sua utilidade.¹⁴⁸

O cachimbo é de barro / bate no jarro.¹⁴⁹

Estou tão longe da infância como da decrepitude; não anseio pelo futuro, mas também não choro pelo passado. Nisto sou exceção dos outros homens que, de ordinário, diz um romancista, passam a primeira metade da vida a desejar a segunda, e a segunda a ter saudades da primeira.¹⁵⁰

O sino é de ouro / bate no touro.¹⁵¹

Temos todos duas vidas: / A verdadeira, que é a que sonhamos na infância, / E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa; / A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros, / Que é a prática, a útil,

¹⁴⁴ RAMOS, Graciliano. Um cinturão. In: MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p.144-146.

¹⁴⁵ SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.61.

¹⁴⁶ POE, Edgar Allan. **William Wilson**. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/60387607/William-Wilson?query=feito>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

¹⁴⁷ Parlanda.

¹⁴⁸ MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.50-51.

¹⁴⁹ Parlanda.

¹⁵⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **À opinião pública**. Disponível em:

<<http://machado.mec.gov.br/images/stories/html/cronica/macr05.htm>>. Acesso em: 04 nov. 2011.

¹⁵¹ Parlanda.



/ Aquela em que acabam por nos meter num caixão. / Na outra não há caixões,
nem mortes, / Há só ilustrações de infância.¹⁵²

O jarro é fino / bate no sino.¹⁵³

Lá estaria o meu rosto de agora e todos os rostos que tive até ao rosto de
agora revisitados no Álbum do Bebê que ainda conserva, mumificado como a
trança de um santo, um feixezinho de cabelos da criança, hoje morta, que fui, a
olhar-me através dos séculos numa desconfiança acusadora, cabelos que evito
tocar no receio que se desfaçam em pó à maneira das flores de laranjeira das
noivas antigas, e que ao desfazerem-se desapareça o que fui.¹⁵⁴

O touro é valente, bate na gente.¹⁵⁵

Na infância as descobertas terão sido como num laboratório onde se acha
o que se achar? Foi como adulto então que eu tive medo e criei a terceira perna?
Mas como adulto terei a coragem infantil de me perder? perder-se significa ir
achando e nem saber o que fazer do que se for achando. As duas pernas que
andam, sem mais a terceira que prende. E eu quero ser presa. Não sei o que
fazer da aterradora liberdade que pode me destruir.¹⁵⁶

A gente é fraco, cai no buraco.¹⁵⁷

Eu disse à minh'alma, fica tranquila, e espera sem esperança / Pois a
esperança seria esperar pelo equívoco; espera sem amor / Pois o amor seria
amar o equívoco; contudo ainda há fé / Mas a fé, o amor e a esperança
permanecem todos à espera. / Espera sem pensar, pois que pronta não estás
para pensar: / Assim a treva em luz se tornará, e em dança há-de o repouso se
tornar.¹⁵⁸

O buraco é fundo / acabou-se o mundo.¹⁵⁹

Criança e esquecida da experiência humana / Hei de voltar à vida.¹⁶⁰

Recebido em 06/03/2012

Aprovado em 25/04/2012

¹⁵² PESSOA, Fernando. Datilografia. In: _____. **Obra poética**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova
Aguilar, 1986, p.389.

¹⁵³ Parlenda.

¹⁵⁴ ANTUNES, António Lobo. O coração do coração. In: _____. **Livro de crônicas**. 6.ed. Lisboa:
Dom Quixote, 2006, p.52.

¹⁵⁵ Parlenda.

¹⁵⁶ LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p.11-12.

¹⁵⁷ Parlenda.

¹⁵⁸ ELIOT, T. S. East Coker. In: _____. **Obra Completa**. v. I - Poesia. 2.ed. São Paulo: Arx, 2004,
p.351.

¹⁵⁹ Parlenda.

¹⁶⁰ HILST, Hilda. **Cantares**. São Paulo: Globo, 2002, p.96.

Referências

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault, entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006, p.67-100.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p.260-281. (Ditos e escritos II).

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.